



Contraditório think tank

Artigo

A armadilha das ideias | Luís Faria

As opiniões expressas no artigo são da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não coincidem necessariamente com a posição do Contraditório.

"Precisamos de copiar as políticas dos países mais bem-sucedidos e virar as costas à nossa falhada tradição política nacional". Dificilmente ouviremos esta ideia de um candidato político eleito em Portugal e esta é a razão pela qual consistentemente temos tido más políticas.

Este artigo oferece uma perspectiva de como o mau desempenho não é auto-correctivo e por que Portugal está preso a más ideias. Mas mais importante, este artigo mostra que o segredo do sucesso de um país está numa mão cheia de heróis, um grupo de indivíduos com alguns líderes excepcionais (Harberger, 1993).

Portugal partilha três características com alguns dos piores países do mundo para se viver:

1. O baixo crescimento económico;

2. Políticas que desincentivam o crescimento;
3. Resistência à ideia de que outras políticas seriam melhores.

Caplan (2003) apresenta uma interessante teoria para explicar esta combinação:

1. Boas (más) ideias geram boas (más) políticas.
2. Boas (más) políticas geram bom (mau) crescimento.
3. Bom (mau) crescimento gera boas (más) ideias.

Os dois primeiros pontos deste círculo "virtuoso" (ou "vicioso") podem ser analisados à luz do bom senso. O autor explica o terceiro ponto, menos intuitivo, com o facto de que o crescimento do rendimento parece aumentar a literacia económica. No entanto, o mesmo não se verifica com o nível



de rendimento. Isto significa que, por exemplo, as pessoas mais pobres cujo rendimento está a aumentar - por exemplo, imigrantes recentes - têm uma sensibilidade económica acima da média. No entanto, as pessoas ricas têm uma menor sensibilidade (Caplan, 2001).

Aceitamos que é ilógico abraçar ideias contra-produtivas apenas porque a conjuntura está a piorar, mas isto parece ser o que as pessoas fazem. Durante tempos difíceis, a frustração, a ansiedade e a incompreensão sobre como as forças do mercado funcionam tornam-se inevitáveis uma vez que as pessoas preocupam-se com o seu orçamento familiar e se este será suficiente para alimentar a família e pagar as contas.

De que precisamos então para que algo mude? A má notícia é que uma economia na “armadilha das ideias” geralmente fica na “armadilha das ideias”. A boa notícia é que, ocasionalmente, um país pode ganhar a lotaria - um governo que tenta uma abordagem de mercado livre, facto que aumenta o crescimento económico e melhora o clima da opinião pública que, conseqüentemente, com alguma sorte, reelege um governo que adopta reformas no mesmo sentido.

Mas por que é que Portugal mantém más políticas económicas? Alguma literatura

(Rodrik, 1996) sugere como explicações: 1) a aversão ao risco - os eleitores preferem as más políticas em vez de um jogo político que pode tornar a reforma ainda pior; e 2) preferência temporal - as reformas têm benefícios de longo prazo, mas custos no curto prazo. No entanto, se analisarmos a alternativa - não reformar - e as suas conseqüências, mesmo no curto prazo, o impacte da reforma é extremamente promissor (Rodrik, 1996). O Contraditório think tank publicou anteriormente artigos ([aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#)), com base em evidência empírica, onde demonstrou que a reforma e as boas políticas económicas são possíveis, mesmo - ou sobretudo - durante a turbulência de uma crise.

Mas Portugal aborda as más políticas de uma forma peculiar: é amplamente aceite que os eleitores admitem más políticas como se estas fossem um imperativo cultural - ou, nas palavras atribuídas a um general romano: "Nos confins da Ibéria, há um povo que não se governa nem se deixa governar". Assim, a resistência à ideia de que outras políticas seriam melhores é ainda maior. A generalização desta ideia e a conseqüente resignação de um país soa a música para os ouvidos do *status quo*. Mas segundo Caplan (2003), a persistência de longo prazo em más políticas sugere que a probabilidade das



pessoas perceberem que as suas políticas preferidas são ineficazes, dado que essas políticas são ineficazes, é baixa. Quando as pessoas abandonam a crença em políticas anteriores, este reconhecimento é interpretado como um choque aleatório positivo nas ideias e não necessariamente o resultado de uma aprendizagem através da experiência.

“Este governo será austero, intransigente e impopular, se isso for necessário para conseguir a recuperação económica”. Esta frase podia ter sido proferida no Portugal de hoje, mas tem 30 anos e é da autoria de Mário Soares¹.

Portugal está há décadas na armadilha das más ideias. As boas ideias requerem, por exemplo, respeitar as restrições orçamentais; romper com o comprometimento com os grupos de interesse que têm sido os principais beneficiários das danosas políticas do passado; e implementar políticas orientadas para o mercado.

A rápida passagem de uma política de substituição de importações para uma política de comércio livre, em praticamente todo o mundo, é um bom exemplo da armadilha das ideias e do efeito "sorte". Será que os países mudaram de rumo porque "aprenderam" que a

política de substituição de importações era ineficiente? Se assim foi por que demorou tanto tempo para perceberem o quão negativa era esta política? Qual foi a informação, nova ou extra, que obtiveram e que permitiu expor os seus erros? Caplan (2003) destaca que a aleatoriedade dos choques ideológicos está correlacionada entre países devido, principalmente, à partilha de experiências e à comunicação. Se as políticas de substituição de importações em países menos desenvolvidos foram um choque ideológico negativo, o mais recente movimento para o comércio livre foi um choque ideológico positivo transnacional.

A conclusão é reveladora sobre o que esperar em Portugal: "Tendências transnacionais não foram uma coincidência, mas em nenhum caso a mudança ideológica surgiu como uma resposta inevitável à evidência", (Caplan, 2003, p. 195). Assim, apesar da possibilidade de países com baixo crescimento económico imitarem as políticas bem-sucedidas de outros países, é endogenamente improvável que o façam.

Se um formador de opinião ou político portugueses defendem que uma política bem-sucedida é inaplicável no Portugal de 2013, estamos seguramente perante um não-reformador ou alguém sem o potencial para

¹ Citado por Jose Maria Maravall em Luiz Carlos Bresser Pereira, Maravall, e Adam Przeworski (1993), em Rodrik (1996).



dar início a uma prosperidade auto-sustentável. Se alguém defende políticas bem-sucedidas durante vários anos e quando membro do governo torna-se incapaz de implementá-las, isto apenas significa que esta pessoa não é suficientemente competente ou que as suas boas ideias foram provavelmente anuladas pelo *status quo*, afectando inevitavelmente a credibilidade dessa pessoa. Assim, o círculo "vicioso" de más políticas persistirá. E tem persistido.

Em vez de resistirmos à ideia de que outras políticas seriam melhores e com isso perpetuarmos o círculo "vicioso", devíamos pensar como melhorar a partir do *status quo*. A resignação não é a solução e é possível obter choques ideológicos positivos:

"[A] política teria muito provavelmente falhado (ou nunca ter começado), se não fossem os esforços de um grupo-chave de indivíduos e, dentro desse grupo, um ou dois líderes excepcionais", Harberger (1993).

Portugal deve olhar mais longe e seguir em frente, rumo à prosperidade, para longe das más ideias.

Referências

Harberger, Arnold C. "Secrets of Success: A Handful of Heroes." *The American Economic Review*, 1993, 83(2, Papers and Proceedings of the Hundred and Fifth Annual Meeting of the American Economic Association), pp. 343-50.

Caplan, Bryan. 2001. "What Makes People Think Like Economists? Evidence on Economic Cognition from the Survey of Americans and Economists on the Economy." *Journal of Law and Economics* 44(2), pp. 395-426.

Caplan, Bryan, 2003. *The idea trap: the political economy of growth divergence*. *European Journal of Political Economy*. Elsevier, vol. 19(2), pp. 183-203, Junho.

Rodrik, Dani, *Understanding Economic Policy Reform*, *Journal of Economic Literature*, Vol. 34, No. 1. (Mar., 1996), pp. 9-41.

Citação: Luís Faria, 2013, A armadilha das ideias, Artigo 13/27, Contraditório think tank, www.contraditorio.pt

Copyright: Este artigo é disponibilizado de acordo com os termos da licença pública [creative commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Luís Faria, Investigador Associado e Presidente da Direcção do Contraditório think tank